

- 5 DEZ 1986

Funaro com Volcker

Direto Externo

por Paulo Sotero
de Washington

Em meio a um clima de crescente ansiedade nos meios financeiros internacionais sobre a situação do balanço de pagamentos do Brasil, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, reuniu-se ontem em Washington com Paul Volcker, presidente do Federal Reserve Board (Fed), o banco central dos Estados Unidos. O encontro com Volcker, que segundo o porta-voz do Fed, John Coyne, durou uma hora e meia, foi talvez o mais importante de uma série de conversas potencialmente decisivas que Funaro terá nesta visita de três dias aos Estados Unidos.

As conversas visam viabilizar o mais rapidamente possível uma renegociação da dívida externa brasileira, a fim de evitar situações extremas que surgirão inevitavelmente se as contas externas do País continuarem a deteriorar-se no ritmo atual.

As garantias de que o Brasil não tem intenção de declarar uma moratória sobre os pagamentos da dívida externa, que o presidente José Sarney deu em Brasília ao comissário da Comunidade Europeia, Claude Cheysson, no início da semana, bem como o discurso, tranquilizador para os banqueiros, que o presidente fez ontem ao País, foram calculadas, em parte, para facilitar a tarefa de Funaro nos EUA.

Hoje, o ministro da Fazenda tem encontros marcados com os presidentes de pelo menos dois grandes bancos credores em Nova York, o Chase Manhattan e o Morgan Guaranty. É muito provável, também, que ele se encontre com John Reed, presidente do

Citicorp, o maior credor privado do País. Sintomaticamente, esta é a primeira vez que o ministro da Fazenda se encontrará com os banqueiros durante uma visita aos EUA. O presidente do Banco Central, Fernão Bracher, e o conselheiro internacional do Ministério da Fazenda, Álvaro Alencar, que acompanharam Funaro no encontro de ontem com Volcker, devem participar, hoje, das conversas com os banqueiros.

De acordo com uma alta fonte diplomática brasileira, Funaro não esteve no Fundo Monetário Internacional (FMI) e viajou para Nova York no final da tarde de ontem. Fontes bem informadas indicaram a este jornal, contudo, que hoje o chefe da Divisão do Atlântico do FMI, o economista Thomas Reichmann, deverá encontrar-se em Nova York com o diretor da Área Bancária do Banco Central, Péricio Arida, que lhe fará uma exposição sobre o pacote de medidas de austeridade anunciado pelas autoridades brasileiras há duas semanas. Reichmann chefiou a missão

anual de consulta do FMI ao Brasil, em meados do ano, e preparou o relatório da visita, que circula neste momento entre os diretores executivos da instituição. Ele está preparando, agora, um memorando adicional sobre o chamado Cruzado II. Os dois documentos serão discutidos numa reunião da diretoria do Fundo, provavelmente já na próxima semana.

O resultado desta reunião é essencial para a superação do impasse nas negociações entre o Brasil e seus credores oficiais do Clube de Paris. A forma de superar este impasse e que papel o FMI terá nesse processo foram, certamente, os principais temas do encontro de Funaro com Volcker, pois estes são o principal obstáculo institucional à realização do acordo de renegociação da dívida do Brasil com os governos dos países industrializados, do qual depende o reescalamento multianual da dívida com os bancos.

Segundo uma fonte europeia, conversas preliminares realizadas no início desta semana entre os repre-

sentantes dos países que integram o Clube de Paris teriam indicado que os EUA, secundados pela Inglaterra e, de certa maneira, pelo Japão, continuam a ter uma posição mais exigente em relação ao papel no FMI no acompanhamento da economia brasileira, enquanto os governos da Europa continental estariam advogando uma postura mais flexível, que leva em conta o delicado quadro político em que o presidente José Sarney passou a operar e dá ênfase, de acordo com a fonte, à importância de "não se colocar o governo brasileiro contra a parede".

Uma categorizada fonte diplomática de Washington disse que não existe nenhuma divergência no Clube de Paris e as informações em contrário estão baseadas no desejo "de alguns europeus de fazer demagogia através da imprensa".

Seja como for, os evidentes riscos de uma radicalização por parte do governo brasileiro passaram,

(Continua na página 19)

ACERTO EXTERNO

Funaro com Volcker...

Direto Externo
por Paulo Sotero
de Washington

(Continuação da 1ª página) definitivamente, a compor parte do cenário com que os governos credores, a comêçar pelos EUA, estão abordando a negociação brasileira com o Clube de Paris.

"Está claro que é do interesse de todos que se encontre uma solução", disse ontem a este jornal um funcionário bem situado da área monetária do governo de Washington. A fonte admitiu que o que se busca é uma fórmula de superar a questão do monitoramento — que seja menos do que um programa formal com o FMI e mais do que uma simples consulta anual baseada no artigo 4º do convênio constitutivo do FMI, como o governo brasileiro reivindica. "A dificuldade é como transformar este desejo em realidade", afirmou a fonte oficial.

Reforçando esta impressão, o presidente do Citicorp, John Reed, disse ontem a alguns jornalistas, em Nova York, que "ninguém está pedindo que o Brasil tenha um acordo formal com o FMI. O que se busca é um entendimento".

Segundo Reed, a aceitação pelo Brasil desse entendimento com o FMI deve ser vista como um gesto de uma pessoa polida. "É como vestir terno e gravata para ir trabalhar. Ninguém veste terno e gravata porque é barato ou confortável, mas porque é tradição."

Se o Brasil aceitar o terno e a gravata de um "entendimento" com o FMI — ele usou a expressão em espanhol —, o presidente do Citi disse que é "razoavelmente otimista" sobre as chances de um acordo com os bancos.

Revelando a ansiedade que existe entre os banqueiros sobre as chances de um acordo do Brasil com o Clube de Paris, Reed disse que acreditava que Funaro e o secretário do Tesouro, James A. Baker III, se encontrariam ontem. Mas não houve encontro e, segundo o porta-voz do Departamento do Tesouro, Robert Levine, "o secretário não tem planos de ver Funaro nesta sua visita".

Por causa de sua ida a Washington, Funaro adiou para hoje o discurso que deveria ter feito ontem numa concorrência conferência de dois dias sobre a interligação entre os problemas da dívida externa e do comércio internacional, patrocinado pelo senador democrata William Bradley e pelo deputado republicano Jack Kemp, num dos salões do hotel Waldorf Astoria, em Nova York.

Convidado de honra da conferência, o secretário Baker reafirmou ontem as propostas do plano que apresentou em Seul, no ano passado, para solucionar o problema da dívida, enfatizou o papel do FMI nesse processo e observou que, dos quinze maiores países endividados, beneficiários potenciais de seu plano, apenas dois, o Brasil e o Peru, ainda não têm um entendimento com o FMI.